



**Pe. FAUSTO MÁRIO BOEM**

★ 19/01/1915 † 17/02/2003

O maior dom que gratuitamente recebemos de Deus é o dom da vida e o melhor dom que podemos retribuir a Ele como oferta é fazer da própria vida um dom. Dom Bosco em vida disse uma frase assim: “O que somos é presente de Deus para nós, no que nos transformamos é presente nosso para Ele”. Creio que foi exatamente isso que o Pe. Fausto fez da própria vida. E mais ainda: fez da sua vida um dom de AMOR para Deus e para os outros. Viveu sua vocação e seu ministério como um contínuo e fiel serviço de doação e dedicação aos irmãos. Entendeu profundamente o recado de Dom Bosco que afirmou: “Deus colocou-nos no mundo para os outros”.

Pe. Fausto também transformou sua vida em riqueza para os irmãos pela correspondência à GRAÇA. Para os que o conheceram, muito ou pouco, puderam constatar exatamente isso na sua pessoa, no seu agir, no seu falar. Só o fato de usar a veste sacerdotal até o fim da vida,

demonstra o quanto ele apreciava e valorizava seu sacerdócio como dom e sinal do amor de Deus aos outros. Sua consagração se refletia no seu olhar transparente, suave e sereno. Tinha um sorriso que cativava, uma fineza e uma educação que de imediato agradavam quem dele se aproximava, quase que convidando a santificar todo momento na presença de Deus, como ele o vivia e o santificava.

Pe. Fausto nasceu no dia 19 de janeiro de 1915 em San Vito al Tagliamento, diocese de Pordenone (PN), Itália. Seus pais foram Fausto Boem e Pilinia Garlatti. Teve duas irmãs, Lúcia e Leonilla, que o acompanharam com tanto afeto e atenção até seus últimos dias. Escreviam-lhe freqüentemente e nas grandes festas telefonavam para ouvir sua voz, dar notícias e manter a união e a comunicação em dia. Sua família o fez crescer em meio a profundas e antigas tradições cristãs, o que fez amadurecer logo cedo a vocação ao sacerdócio. Fez sua Primeira Eucaristia em 1922. Depois da escola elementar (ensino fundamental) ele entrou no seminário diocesano de Pordenone, depois transferiu-se para aquele salesiano “Card. Cagliari” de Ivrea, seguindo os passos de Dom Bosco.

Fez seu noviciado em Villa Moglia, Chieri (TO) e foi admitido à Profissão Religiosa no dia 08 de setembro de 1932, começando a fazer parte da Família Salesiana à qual já pertencia seu tio, o arquiteto Jacopo Garlatti. Anos mais tarde o próprio Pe. Fausto escreveria uma longa e linda carta mortuária do tio falecido enaltecendo suas virtudes, com testemunhos e recordações. Pela carta notamos o ânimo profundo e delicado do Pe. Fausto, como que querendo imitar tudo de bom que seu tio Jacopo possuía.

Sua Filosofia foi feita em Foglizzo Canavese (TO). Fez seu tirocínio trienal na ação educativa entre os jovens aspirantes missionários de Ivrea. Ali ele exercitou e se aperfeiçoou na arte pedagógica do Sistema Preventivo de Dom Bosco e sem dúvida preparou muitos jovens que partiram para terras de missão na América e na Ásia. Também ele, anos mais tarde, partiria para dedicar parte das suas forças e entusiasmo numa missão salesiana. Em Chieri, no Instituto Internacional Teológico Salesiano (Crocetta) completou sua formação ao sacerdócio, sendo ordenado sacerdote no dia 23 de junho de 1940, em Turim na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora pelo Card. Murilio Fossati.

Naquela época, imediatamente depois da beatificação (1929) e da canonização (1934) de São João Bosco, a Congregação Salesiana estava em grande expansão por todo o mundo e numerosas vocações se alinhavam a esta nova e dinâmica congregação. Novas atividades e iniciativas surgiam para animar a vida e atividade dos salesianos. Papa Pio XI confiou então aos salesianos a promoção e animação da catequese em larga escala. Surgiu assim a obra do “Centro Catequístico” que se tornaria LDC (Libreria Dottrina Cristiana), e Pe. Fausto, com outros dois jovens sacerdotes, tiveram a responsabilidade de iniciar tal projeto em Valdocco. Foram anos de intensa atividade e organização. Acertou diretamente com o então Reitor-Mor, Pe. Pedro Ricaldone, a direção da produção de filmes catequéticos e dos respectivos textos para ilustração dos mesmos. Tudo isso era feito no Instituto de Artes gráficas no Colle Don Bosco, contando com a eficiência técnica de exímios mestres Coadjuutores salesianos como o Sr. Luis Meda e Enzo Spiri. Nesse contexto desabrocharam e se firmaram grandes amizades e afeto pelos irmãos coadjutores, muitos dos quais, ainda hoje, lembram com saudade a sua presença fraterna e jovial no meio deles. Também seu interesse pela formação religiosa salesiana inspirou e animou a Associação “Marcello Rossi”. Depois na sua vida de missionário conservou este cuidado carinhoso para com os irmãos leigos.

Quando enfim a direção se transferiu para Leumann (TO), ele permaneceu no Colle Don Bosco como Reitor da Igreja Maria Auxiliadora e no oratório festivo dos Becchi, bem próximo da casa nativa de Dom Bosco. Podemos imaginar o quanto ele bebeu das fontes e absorveu da espiritualidade de Dom Bosco vivendo nos lugares santos salesianos.

Em 1966, com seus cinquenta e um anos, Pe. Fausto conseguiu finalmente realizar seu sonho de ser missionário e partir para uma terra de missão. Sempre, desde o início de sua vocação, quis ser missionário. Veio para o Brasil indo logo trabalhar em Porto Velho (RO), paróquia e itinerância. Se pensarmos nas dificuldades iniciais que qualquer um teria ao ter que aprender uma nova língua, adaptar-se a um novo clima, cultura e alimentação aos cinquenta anos, podemos admirar ainda mais a pessoa do Pe. Fausto. Conseguiu ele superar tudo isso e não desanimou mesmo com tantas provações. Seu ideal missionário era forte no seu coração e



seu ardor era imenso que não dava tempo para ver os obstáculos da nova realidade. Diz-se que quem consegue ver os obstáculos é porque tirou o olhar do seu objetivo. Deus realmente não nos pede muitas habilidades, mas certamente quer ver nossa disponibilidade. Isso mesmo tinha o Pe. Fausto, por isso mesmo permaneceu no Brasil ainda por mais 38 anos dedicando sua vida e sua sabedoria acumulada nos anos de serviço competente na Itália. Don Federico Costa que o conheceu pessoalmente e com ele trabalhou no Colle Don Bosco escreveu: “E assim, mesmo com os anos não mais verdes e os cabelos

*não mais pretos, ele partiu para o Brasil. Muitos o tinham desaconselhado a dar este passo, mas o seu ânimo generoso e o desejo de tornar-se mais útil em outros lugares, lhe fizeram superar todas as dificuldades, entre as quais a distância da sua mãe anciã. Do Brasil retornou algumas vezes. Em uma destas ocasiões de sua volta, passou pelo Instituto de Verona para saudar os irmãos que tinham estado com ele no Colle Don Bosco, e constatamos que o seu entusiasmo não tinha mudado nada, pelo contrário ele tinha ainda tantos projetos a realizar”.*

Em 1972 foi destinado a Vilhena, onde permaneceu numa paróquia e itinerância até 1981. Até hoje é lembrado ali pelo seu zelo apostólico e ardor missionário. Veio para Manaus e ficou encarregado da enfermaria no Colégio Dom Bosco de 1982 a 1984. Em 1985, foi para o Içana entre os índios, como ele sempre quis e desejou. Fez muito bem ali e com mil dificuldades e sacrifícios continuou sua missão até 1992 quando voltou a Manaus e ficou no Centro Salesiano de Formação. E novamente em 1996 retornou às missões indo para São Gabriel da Cachoeira como vigário paroquial. Permaneceu somente um ano. Sua saúde dava sinais de

cansaço e fraqueza, veio então outra vez para Manaus e ficou na Casa Inspetorial dando assistência como confessor na Paróquia São José e na comunidade. Aqui permaneceu até o dia do seu falecimento, 17 de fevereiro de 2003.

O Pe. João Sucarrats, Inspetor da ISMA, na sua homilia da Missa de corpo presente, disse que estávamos celebrando na alegria a certeza de que o Pe. Fausto vive agora definitivamente mergulhado no AMOR trinitário. Esse mesmo AMOR já foi sua “marca registrada” enquanto viveu entre nós. Foi um homem que teve um amor radicado intensamente na fé à Eucaristia. Celebrava-a com visível comoção e grande devoção. Tinha uma preocupação constante de celebrá-la bem cada vez que o fizesse. Realmente era o centro da sua vida e da sua jornada. Passava horas em adoração e silêncio contemplando o Cristo eucarístico. Suas visitas ao Santíssimo eram constantes, quase que faziam parte da sua necessidade básica de viver. Sem ela lhe faltava algo de essencial para estar bem no seu cotidiano. Ao consagrar e elevar a hóstia, ao recebê-la e dá-la demonstrava grande respeito e veneração que até convidava os que estavam perto a adorar e amar Jesus eucarístico como ele o fazia. Era uma troca de amor, parece até que vivia numa “disputa” de quem dava mais e mais recebia. E sabemos que no Amor, mais damos, mais temos; mais doamos, mais recebemos, sobretudo de Cristo que prometeu dizendo: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e o meu pai o amará e a ele viremos e nele faremos morada” (Jo 14,23).

Pe. Fausto teve também um AMOR sacramental com abundância de símbolos e sinais. Gostava de representar os sentimentos que provava com imagens, santinhos, figuras, objetos e expressões de carinho aos Sacramentos. Dava grande valor ao óleo, à água benta, às velas, às vestes litúrgicas e sacerdotais, relíquias, conservava consigo lembranças significativas de amigos e irmãos que o acompanharam na caminhada de vida e de fé. Pequenas coisas tinham grande importância para ele. No seu quarto guardou por muitos anos cartas, imagens, textos, jornais, revistas, livros e objetos que certamente muito lhe diziam do verdadeiro amor às pessoas por amor a Deus. Era meticoloso e atento aos pequenos detalhes. Escrevia com uma letra pequena e quase desenhava cada palavra. Anotava tudo nas suas agendas e as conservava por longos anos consigo. Esta atenção e dedicação era reflexo do seu interior que fazia cada coisa

com a máxima concentração, sem dispersão ou superficialidade. Pois com certeza tudo fazia para a maior glória de Deus. Tudo isso fez dele um homem de Deus totalmente consagrado a aproveitar cada situação e cada coisa como sendo um sinal da presença e da ação de Deus na sua e na vida dos outros.

Quem conviveu com ele observou algo que impressionava e edificava. Era o seu AMOR, cheio de ternura a Maria, mãe de Jesus. Sua devoção e carinho a Nossa Senhora foi uma característica fortemente enraizada no seu rezar e pregar. Gostava de falar nela e difundir sua devoção. Acompanhava com interesse tudo o que se referia a aparições e mensagens de Nossa Senhora. Trazia sempre consigo nas mãos o santo Rosário e o rezava muitas vezes ao dia. Beijava as imagens como se beijasse a própria mãe. Falava dela com imensa gratidão e reconhecimento pela sua presença e ação na sua vida. Algumas vezes exagerava no fervor e dava demasiada importância a fatos extraordinários como as aparições e fenômenos sobrenaturais. Don Luigi Testa que o conheceu pessoalmente quando ainda estava na Itália deu seu testemunho escrevendo: *“Pe. Fausto tinha uma predicação sempre pronta e fervorosa, com a fidelidade inalterável às diretivas do Papa e dos pastores da Igreja. Em particular nutria e manifestava com alegria e imenso ardor, uma devoção filial e carinhosa a Nossa Senhora, à qual atribuía quanto de bem e de belo tinha recebido e realizado na sua vida”*.

No seu ministério sacerdotal notava-se grande disposição para as confissões e acompanhamento espiritual de muitos jovens e adultos. Procuravam-no em busca de conforto, conselho e orientação para suas vidas e ele sabia escutar e guiar nos caminhos do Espírito.

Outro AMOR dele foi seu compromisso com os irmãos falecidos. Manteve consigo muitas lembranças e santinhos dos salesianos e parentes



que partiram para o Pai. Rezava por eles e lembrava-os constantemente no aniversário de morte. Sentia-se em comunhão com eles, como se não existisse a distância nem a separação, pois no Amor tudo é superado e a união é completa. A memória dos falecidos foi um compromisso fiel até o fim da sua vida. Esse respeito e atenção aos irmãos falecidos muito ensinava a nós que convivemos com ele a dedicar tempo para rezar pelos irmãos já falecidos. Um exemplo que arrasta à imitação!

Entre os amores de sua vida, o que mais se destacou foi o AMOR aos irmãos coadjutores. O interesse do Pe. Fausto pelos irmãos leigos foi muito presente no seu dia-a-dia. Além de guardar os santinhos dos falecidos, rezava por eles nas orações diárias e dedicava horas a conversar com eles quando os encontrava. Tinha respeito e sincero afeto por estes irmãos coadjutores. Especialmente recordamos que ele dedicou parte de seu tempo para cuidar do Irmão Theotônio Ferreira em São Gabriel da Cachoeira, nos seus últimos dias de vida, como também do Pe. Theodoro Cromme quando doente e impossibilitado de andar. Sua dedicação e empenho por estes irmãos permanecem em nossa memória como modelo de serviço fraterno.

Pe. Fausto celebrou seus cinquenta anos de vida sacerdotal com muita energia e alegria. Foi uma festa merecida e realizada dignamente pelos irmãos. Ele nunca quis deixar de usar a veste que recebera antes da ordenação. Sinal visível de um coração consagrado e plenamente dedicado ao Cristo Bom Pastor. Os cinquenta anos de sacerdócio foram celebrados na missão do Içana entre os índios baniwa no dia 18 de agosto de 1990. Era véspera da festa da Assunção de Nossa Senhora, padroeira da paróquia do Içana. Parece coincidência tanta insistência com Maria, porém tudo era proposital, escolha consciente de um filho para melhor honrar e homenagear sua Mãe do Céu, tanto que seu ideal era: “Realizar, com o auxílio de Nossa Senhora, o melhor possível: O SACERDOTE, OUTRO CRISTO”. E naquele dia a sua mensagem escrita foi: “*Em qualquer idade, em qualquer parte do mundo, com o Papa, e como ele: SER TODO TEU, MARIA, PARA SER TODO DE JESUS*”. E a comunidade, cheia de alegria, repetia na Eucaristia este refrão: É o homem de Deus que está a serviço da humanidade. Ele mesmo escreveu assim: “*Maria, a Auxiliadora nossa, continua a nos acompanhar dia a dia. Ajudemo-nos a dizer obrigado a ela. Da minha parte penso que não bastará a eternidade*

*para manifestar a gratidão e o agradecimento*". Pe. Fausto foi também celebrar este jubileu de ouro na sua amada terra natal San Vito com grande festa dos seus parentes, amigos e conterrâneos. Chegou ainda a celebrar o 60° de ordenação em Manaus e o 70° de Profissão Religiosa, digna coroação e reconhecimento de uma existência toda doada ao amor de Cristo e dos irmãos com uma disponibilidade sempre ativa e uma fidelidade inalterável.

Sua memória permanecerá viva em nós, seus exemplos nos recordarão como amar melhor os irmãos vivos e falecidos; seu testemunho de AMOR nos ajudará a amar mais e melhor o Cristo e Nossa Senhora. E como escreveu don Federico Rota, peçamo-lhe que faça surgir numerosas e santas vocações de salesianos coadjutores.

Obrigado Pe. Fausto pela herança que nos deixou! Que Deus o recompense com tanto AMOR e lhe conceda no Paraíso a paz e a alegria eternas.

**Pe. Carlos Josué C. Nascimento**  
CPF. 510.151.882-49  
RG. 618.182

**DADOS PARA O NECROLÓGIO:**

Nasceu em San Vito al Tagliamento (Pordenone) - Itália, em 19/01/1915

Faleceu em Manaus-AM, em 17/02/2003

Com 87 anos de idade

70 anos de Profissão Religiosa

62 anos de Sacerdócio